

## Scientific Electronic Archives

Issue ID: Sci. Elec. Arch. Vol. 12 (5)

October 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.36560/1252019790>

Article link

<http://www.seasinop.com.br/revista/index.php?journal=SEA&page=article&op=view&path%5B%5D=790&path%5B%5D=pdf>

Included in DOAJ, AGRIS, Latindex, Journal TOCs, CORE, Discoursio Open Science, Science Gate, GFAR, CIARDRING, Academic Journals Database and NTHRYS Technologies, Portal de Periódicos CAPES.



## Perfil da automedicação em acadêmicos da área da saúde de uma instituição de ensino superior de Sinop-MT

### Profile of the self-medication of undergraduate students in the health area from higher education institution in Sinop-MT

L. C. A. Gontijo, R. G. Zampieron

Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Sinop

Author for correspondence: [rafaelagrassi@hotmail.com](mailto:rafaelagrassi@hotmail.com)

**Resumo.** O presente trabalho teve como objetivo avaliar o perfil dos futuros profissionais de saúde com relação à utilização de medicamentos sem prescrições de um profissional habilitado. O estudo transversal foi composto por 244 acadêmicos da área da saúde, sendo 110 (45%) do curso de Farmácia, 71 (29%) Enfermagem e 63 (25%) cursando Medicina, com idade entre 17 e 51 anos. Destes entrevistados 183 (75%) eram mulheres, 214 (87%) solteiros e 161 (66%) não possuíam plano de saúde privado. Do total, 97% declararam se automediar, sendo 77% alegando o principal motivo o problema de saúde simples. O uso de analgésicos/antitérmicos foi de 84%, seguido dos anti-inflamatórios (57%). A dor de cabeça foi a principal causa da utilização de medicamento sem prescrição (84%). Dentre os entrevistados, 70% foram influenciados por familiares, vizinhos e amigos a praticarem a automedicação. Porém, 63% relataram receber orientação no ato da compra do medicamento. Das orientações profissionais, 71% foram por um farmacêutico, sendo a posologia (dose e horário) a principal orientação recebida. Das 183 mulheres, 58% usavam contraceptivo, sendo que apenas 21% não tiveram orientação médica. A automedicação entre os estudantes universitários de Sinop - MT é elevada, mas são similares aos reportados em outros estudos. Todavia, havia uma expectativa de um consumo menor por se tratar de estudantes da área de saúde.

**Palavras-chave:** Automedicação; Acadêmicos; Medicamentos sem prescrição; Saúde; Autocuidado

**Abstract.** The present study had the objective of evaluating the self-medication in graduates of the health area. The cross-sectional study consisted of 244 health professionals, of which 110 (45%) were Pharmacy, 71 (29%) Nursing and 63 (25%) Medicine, aged between 17 and 51 years. Of these, 183 (75%) were women, 214 (87%) were unmarried and 161 (66%) had no private health insurance. Regarding the use of drugs, 97% declared self-medication, with 78% claiming to be a simple health problem. The use of analgesics and antipyretics was reported in 84% of the interviewees, followed by autoregressive anti-inflammatory drugs (58%). Headache was the main cause of the use of nonprescription medication (84%). Among the interviewees, 70% were influenced by family members, neighbors and friends practicing self-medication. However, 63% reported receiving counseling at the time of purchase. Of the professional guidelines, 71% were by a pharmacist, being the dosage (dose and schedule) the main orientation received. Of the 183 women, 58% used contraception, and only 21% did not receive medical advice. Self-medication among college students at Sinop - MT is high, but they are similar to those reported in other studies. However, there was an expectation of a lower consumption because it was health students.

**Keywords:** Self-medication; Academics; Non-prescription medicines; Health; Self Care

## Introdução

A automedicação é definida como prática da utilização de medicamento sem prescrição médica para melhoria da própria saúde (RIBEIRO et al., 2010). Segundo Loyola Filho et al.(2002), existem

várias formas da prática de automedicação, tais como, adquirir medicamento sem receita médica, compartilhar medicamento com familiar ou pessoas do círculo social, reutilizar receitas antigas, fazer o uso de sobras de prescrições e não cumprir a prescrição do profissional.

Se realizada de forma inadequada, a automedicação pode causar efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e ocultar doenças evolutivas (AQUINO et al. 2010). Mais ainda, o medicamento é evidenciado como o principal intoxicante humano registrado no país (LESSA e BOCHNER, 2008) e, segundo Galato et al. (2012), o risco dessa prática está correlacionado com o grau de instrução e informação dos usuários sobre medicamentos.

Existem vários fatores sendo isolados ou associados que induzem à prática da automedicação, como **(a)** a crise no setor de saúde (MONTEIRO et al., 2002); **(b)** inacessibilidade aos meios de saúde e elevação dos custos dos medicamentos, que, posteriormente, propiciam a procura por formas alternativas de medicação (RIBEIRO et al., 2003); **(c)** venda indiscriminada de medicamentos que necessitam de prescrições médicas por estabelecimentos farmacêuticos (SOUZA et al., 2008); **(d)** alto custo e/ou dificuldade para se conseguir uma consulta médica particular (DAMASCENO et al., 2007); **(e)** *marketing* e publicidade da indústria farmacêutica, sendo que 90% das publicidades exibidas possuem irregularidades; **(f)** estoque domiciliar de medicamento (CANINDÉ, 2012; FREITAS e ZANCANARO, 2012); **(g)** informações médicas disponíveis na internet (SILVA e MENDES, 2014); entre outras.

Medicamentos estimulantes e de uso controlado, como por exemplo o metilfenidato (Ritalina<sup>®</sup>), é indicado para Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), entretanto tem sido erroneamente utilizado para evitar o cansaço e melhorar as funções cognitivas de estudantes que sequer possuem TDAH, podendo levar o indivíduo à dependência física e a importantes reações adversas (ORTEGA, 2010; ROSA, 2013).

Interessantemente, pessoas com maior grau de escolaridade possuem uma maior tendência a se automedicar, pois o acúmulo de conhecimento adquirido devido maior tempo de estudos podem induzir uma maior segurança a essa prática (DAMASCENO et al., 2007; GALATO et al., 2012, VILARINO et al., 1998).

O aumento nos números de problemas relacionados com o uso de medicamentos como intoxicações, interações com outros medicamentos, alimentos e efeitos negativos, vem sendo percebido sistematicamente pela imprensa do Brasil e do mundo, essa percepção se dá pela preocupação com a população devido à gravidade que pode causar este problema, porém o enfoque da comunicação vem tomando novos rumos como o reconhecimento dos profissionais que prestam orientações aos pacientes nos locais onde existem

medicamentos, salientando que essa iniciativa pode levar a redução expressiva dos efeitos negativos causados por produtos de origem farmacêuticas (SANTOS, 2008).

Diante disso, estudantes universitários da área da saúde, são considerados pessoas com um maior nível de instrução, principalmente quando o assunto é automedicação, e, por isso, o presente trabalho tem como objetivo verificar o perfil de automedicação, apontar os medicamentos mais utilizados e identificar os motivos que levam acadêmicos de uma instituição de ensino superior (IES) de Sinop-MT a se automedicarem, podendo assim abrir caminhos para uma discussão sobre conscientização da prática da automedicação.

## Métodos

A pesquisa foi realizada no período de 05 de Novembro a 17 de Dezembro de 2015, no campus da Universidade Federal de Mato Grosso, localizada Av. Alexandre Ferronato, nº 1200, Reserva 35, Setor Industrial, na cidade de Sinop-MT.

Trata-se de um estudo transversal, de cunho observacional descritivo, com abordagem quantitativa. O método de abordagem escolhido foi abordagem quantitativa sendo mais adequado para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos padronizados (questionários). São utilizados quando se sabe exatamente o que deve ser perguntado para atingir os objetivos da pesquisa (SILVA, 2011).

A pesquisa quantitativa é apropriada tanto para medir opiniões, atitudes e preferências como também para medir comportamentos. A primeira razão para se conduzir uma pesquisa quantitativa é descobrir quantas pessoas de uma determinada população compartilham uma característica ou um grupo de características. Ela é especialmente projetada para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística. Uma análise quantitativa apresenta dados em percentuais (PINHEIRO, 2011).

A automedicação foi analisada nos três cursos da área de saúde humana existente nesta IES, sendo eles farmácia, enfermagem e medicina. A população analisada constituiu de 244 acadêmicos, todos os acadêmicos encontram-se com matrículas ativas, dentre eles 63 são do curso de Medicina, 71 do curso de Enfermagem e 110 alunos do curso de Farmácia. Registra-se que os acadêmicos do curso de medicina estão compreendidos entre 1º e 4º períodos deste curso. Foram descartados 07 formulários, devido falta de informações no momento do preenchimento.

De acordo com análise estatística prévia foi calculado o "n" amostral, utilizando um erro amostral de 10%. A partir dos cálculos apontou-se um número ideal de entrevistas para ser realizada em cada curso, sendo 71 entrevistas no curso de farmácia, 59 em enfermagem e 50 em medicina. Registra-se que neste trabalho foram mais

entrevistas do que previsto, demonstrando assim maior confiabilidade do resultado.

Neste estudo o conceito de automedicação foi definido como pessoas que fizeram o uso de qualquer tipo de fármaco sem prescrição de um profissional habilitado ou utilizando prescrições antigas, assim decidindo qual medicamento e a forma que irá utilizá-lo, compartilhando medicamentos ou remédios com outros membros da família ou do círculo social, utilizando sobras de prescrições ou descumprindo a prescrição profissional, prolongando ou interrompendo precocemente a dosagem e o período de tempo indicado na receita (JESUS et al., 2013).

Para proceder à coleta de dados, inicialmente foi garantido o sigilo das informações e o direito de não participação aos acadêmicos, foi explicado o objetivo do trabalho e a forma correta de preenchimento do questionário que fora elaborado baseado em Aquino (2010) e Galato et al. (2012), em seguida aos que concordaram na participação da pesquisa foi solicitada assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo I) e subsequente o preenchimento do questionário estruturado (Anexo II), que teve como finalidade recolher informações sobre a prática da automedicação, contendo questões como: - Prática ou já praticou a automedicação? - Quais os motivos que levaram a essa prática? - Quais medicamentos costumam utilizar? - Quais as causas da utilização do medicamento? - Recebeu influência para se automedicar? - De quem? - No momento da compra da medicação, Recebeu orientação? - Se sim de quem? - Qual o tipo de orientação recebida? E a última questão foi direcionada para o sexo feminino, - Toma anticoncepcional? - Se sim quem indicou?.

Os questionários respondidos pelos acadêmicos dos cursos de (Farmácia, Enfermagem e Medicina), foram carregados em formato tabular no programa (Microsoft) Excel 2010 duas vezes de maneira independente, assim verificado pelo método dupla-cega, com isto, garantindo o pleno carregamento correto dos dados.

Após o carregamento dos dados, estes foram organizados/analísados em forma de tabelas e gráficos, utilizando novamente o programa Excel 2010.

#### *Considerações Éticas da Pesquisa*

Os princípios éticos foram respeitados, protegendo os direitos dos pesquisadores em atenção às determinações das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos, estabelecidas pela Resolução 466, de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS (BRASIL, 2012). Segue o parecer CAAE, número 47049315.8.0000.5685, do Instituto Superior de Educação e Saúde Sinop EIRELI, com comprovante número066221/2015

#### **Resultados e discussão**

Foram entrevistados 244 acadêmicos, sendo que 183 (75,00%) são do sexo feminino. Com

relação a faixa etária, as idades estão compreendidas entre 17 e 51 anos contribuindo para uma média etária de 22,81 anos entre os acadêmicos. Dos entrevistados 110 (45,08%) cursavam farmácia, 71 (29,10%) enfermagem e 63 (25,82%) medicina. Os cursos de enfermagem e farmácia estão compreendidos entre o primeiro e o décimo período do seu respectivo curso, já o curso de medicina está compreendido apenas entre o 1º e 4º período, sendo um curso novo na instituição. Com relação ao estado civil 214 (87,70%) são solteiros(as) e apenas 30 (12,30%) são casados(as) (Tabela 02), dentre os entrevistados 161 (65,98%) não possuem plano de saúde privado.

Consideraram-se como acadêmicos iniciantes aqueles que ingressaram em 2014/1 a 2015/2. Os acadêmicos em nível intermediário foram considerados aqueles com ano de ingresso entre 2012/1 a 2013/2 e quanto aos considerados avançados estão com ano de ingresso compreendido entre 2008/2 e 2011/2.

Através da análise dos dados pode-se observar que em todos os cursos entrevistados o sexo feminino foi predominante, porém existe uma discrepância entre o público feminino e masculino nos cursos de enfermagem e farmácia já no curso de medicina encontra-se um equilíbrio entre os sexos.

Dos 244 entrevistados, 237 (97,13%) afirmaram já ter praticado a automedicação, sendo que destes 180 (98,36%) são do sexo feminino e 57 (93,44%) do sexo masculino. Segundo Aquino et al. (2010) esse maior índice pode ser explicado em parte pela maior exposição das mulheres à medicalização em todas as fases de sua vida, maior procura por cuidados médicos e campanhas educativas mais direcionadas a elas. Em trabalho realizado por Canindé et al. (2012), Dramer et al. (2012), Ribeiro et al. (2010) e Jesus et al. (2013) a predominância da automedicação também foi maior no sexo feminino. Já em pesquisa realizada com a população portuguesa encontrou-se uma prevalência maior em homens (28,4%) do que em mulheres (25,2%) (DRAMER et al. 2012).

**Tabela 01.** Perfil dos acadêmicos entrevistados quanto ano de ingresso na Universidade.

Descrição	Quantidade	Porcentagem
Iniciante	148	60,66%
Intermediário	63	25,82%
Avançado	33	13,52%
Total geral	244	100,00%

Pode se observar um auto índice na prática da automedicação entre os entrevistados nesta pesquisa, sendo que 237 (97,13%) afirmaram já ter praticado a automedicação, resultados semelhantes foram encontrados por Albuquerque et al. (2015) sendo relatado que 274 acadêmicos (94,2%) são praticantes da automedicação. Estudos realizado por Damasceno et al. (2007), relatam que dos 245

acadêmicos entrevistados (Enfermagem, Farmácia e Odontologia) da Universidade Federal de Alfenas, 222 (90,60%) afirmaram ter praticado a automedicação. Rosse et al.(2011) encontraram

resultado de (97,00%) quando entrevistaram 68 acadêmicos do curso de Farmácia da Univiçosa-MG.

**Tabela 02.** Perfil dos acadêmicos entrevistados quanto ao sexo, estado civil e curso.

Sexo/Estado civil	Enfermagem	Farmácia	Medicina	Total
FEMININO	90,14%	74,55%	58,73%	75,00%
Casadas	9,86%	7,27%	4,76%	7,38%
Solteiras	80,28%	67,27%	53,97%	67,62%
MASCULINO	9,86%	25,45%	41,27%	25,00%
Casados	1,41%	8,18%	3,17%	4,92%
Solteiros	8,45%	17,27%	38,10%	20,08%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

A alta incidência na administração de medicamentos sem receita médica pode ser justificada pela existência de medicamentos isentos de prescrição (MIP), conhecidos internacionalmente como produtos "OTC" (Over-The-Counter, sobre o balcão) (ROSSE et al., 2011) ou ainda pelo maior grau de escolaridade, levando em consideração que o conhecimento leva uma maior segurança a essa prática conforme citado em trabalho realizado por (DAMASCENO et al., 2007; GALATO et al., 2012).

Considerando este fato, a (Tabela 03) demonstra a relação entre acadêmicos iniciantes, intermediários e avançados quanto à prática da automedicação.

Houve diferença quanto à intensificação da prática da automedicação quando comparados os iniciantes e avançados que, segundo Damasceno et al. (2007), deve-se ao acúmulo de conhecimento, que torna o indivíduo mais confiante para se automedicar.

Pesquisa realizada com 62 alunos, em 2008, entre acadêmicos de enfermagem do 1º e 8º período, da Universidade Presidente Antônio Carlos, do Campus Bom Despacho (MG), apontou que as turmas realizavam a automedicação, havendo prevalência entre os acadêmicos do 8º período de

Enfermagem que, acreditavam ter conhecimento satisfatório para se automedicarem, afirmando ainda terem consciência dos danos que a automedicação pode causar à saúde (JESUS et al. 2013).

Estas pesquisas desmistificam o paradigma de que "os menos informados seriam os maiores usuários de automedicação", pois nesta pesquisa e em outras há resultados que acusam maior consumo de medicamentos entre os que frequentaram a universidade por mais tempo, provavelmente por disporem de maior informação que os auxilia na escolha de medicamentos (VILARINO, 1998).

**Tabela 03.** Relação quanto ao ano de ingresso dos acadêmicos e a prática da automedicação.

Acadêmicos	% de Automedicação
Iniciantes	95,9
Intermediário	98,4
Avançados	100,0

**Tabela 04.** Perfil de automedicação entre acadêmicos dos cursos de Farmácia, Enfermagem e Medicina.

Automedicação	Enfermagem	Farmácia	Medicina	Total
NÃO	4,23%	0,00%	6,35%	2,87%
SIM	95,77%	100,00%	93,65%	97,13%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

(Fonte: Leidiany, 2016)

No curso de Farmácia a incidência da automedicação foi de 110 (100,00%), seguido de Enfermagem 68 (95,77%) e Medicina com 59 (93,65%). Em pesquisa realizada por Dramer et al. (2012) com 342 acadêmicos, da Universidade de Santa Cruz do Sul, a automedicação foi mais comum nos cursos de farmácia (43%), seguido de

enfermagem (33%), corroborando com este trabalho.

Esse alto índice no curso de Farmácia pode ser justificado devido a sua formação acadêmica ser voltada para área de medicamentos e por ser o profissional de saúde com maior conhecimento

sobre os medicamentos e seus efeitos no organismo humano (ARANTES, 2008).

Em uma universidade em Minas Gerais, foi realizado um estudo entre os acadêmicos de cursos da área da saúde para verificar a prevalência da automedicação. A amostra foi constituída de 697 acadêmicos dos cursos de medicina, odontologia, farmácia e enfermagem. Após análise dos resultados concluiu-se que os acadêmicos de medicina realizavam a prática da automedicação com maior frequência (94,55%), que os acadêmicos de Farmácia (JESUS et al., 2013).

Devido à automedicação estar elevada entre todos os cursos pesquisados, cabe mencionar a importância da conscientização dos futuros profissionais da área de saúde na redução da prática de automedicação, por meio de educação em saúde da comunidade acadêmica e orientações quanto aos riscos e complicações do ato de automedicar-se. É relevante destacar a necessidade dos graduandos dos cursos da área de saúde, principalmente os que estão em fase final da graduação, assumirem seu papel perante a sociedade, uma vez que cabe a esses futuros profissionais a orientação para a redução dessa prática e, conseqüentemente, para a diminuição dos agravos na saúde dos que se automedicam (DAMASCENO et al. 2007).

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) (2009), os medicamentos de venda livre são aqueles que não precisam de prescrição médica para serem comprados, por exemplo, os analgésicos, as vitaminas, os antiácidos, os laxantes e os descongestionantes nasais. O problema é que, muitas vezes, esses medicamentos são usados incorretamente e podem provocar reações indesejáveis, como vômitos, tonturas, diarreia e ser de alto risco para a saúde se não utilizados corretamente, ao contrário do que acredita a população em geral.

O alto consumo de medicamentos isentos de prescrição entre a comunidade acadêmica pode ser justificado pela intensa atividade diária dos mesmos, horas de estudos seguidas, provas, trabalhos acadêmicos, estágios, a confiança em seus próprios conhecimentos técnicos e a pressão e tensão do dia-a-dia, nas quais influenciam significativamente, para que essa prática seja incidente no ambiente universitário. Muitos acadêmicos alegam não encontrar tempo para se consultar com um médico visto que a maioria dos cursos na área da saúde ocorrem em tempo integral, o que limita o traslado dos alunos durante o dia (JESUS et al. 2013).

Cascaes et al. (2008) descreve que dos 137 entrevistados (80,50%) se automedicam, em especial com medicamentos de venda livre (analgésicos), sendo estas alternativas adotadas principalmente por considerarem seus problemas de saúde simples 62 (45,30%) deste modo corroborando com este trabalho, já em pesquisa realizada por Galato et al. (2012) com 384 acadêmicos, 204 (59,5%) afirmaram a prática da

automedicação devido a praticidade e comodidade no momento da compra.

A seleção e uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas, deve ser entendida como um dos elementos do autocuidado – caracterizado por automedicação, apresentando duas vertentes: a responsável que pode representar economia para o indivíduo e para o sistema de saúde, evitando congestionamentos nos serviços ofertados; e a automedicação irracional, que por outro lado, aumenta o risco de eventos adversos e de mascaramento de doenças, o que pode retardar o diagnóstico correto, embora a “automedicação responsável” possa, eventualmente, reduzir a “pressão” no sistema de saúde onde ele é de difícil acesso, tal procedimento é contestado e não isento de riscos (ARRUDA, 2011).

A frequência de utilização de medicamentos de diferentes classes permitiu observar que dentre todos os medicamentos relacionados no questionário, os mais utilizados são demonstrados na Figura 02.

Em sinergismo com outros estudos os analgésicos e antitérmicos foram os medicamentos mais citados pelos entrevistados (87,61%). Resultados de pesquisa que corroboram com este trabalho foram desenvolvidos por Loyola Filho et al. (2002), Rosse et al. (2011), Aquino (2010), Galato (2012) e Silva et al. (2014).

Segundo Vilarino et al. (1998) o uso indevido de substâncias e até mesmo drogas consideradas seguras pela população, como os analgésicos, podem acarretar diversas conseqüências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, e ainda aumentar o risco para determinadas neoplasias. Além disso, o alívio momentâneo dos sintomas mascara a doença de base que passa despercebida e pode, assim, progredir.

Secoli (2010) destaca que os Antiinflamatórios não esteroidais podem causar irritação e ulcera gástrica, hemorragia, anemia, insuficiência renal, retenção de sódio e até mesmo nefrotoxicidade. A crença de que o medicamento simboliza a “saúde” influencia as pessoas à prática da automedicação, porém, o risco encontra-se inerente a esse processo.

Nenhuma substância medicamentosa é inócua ao organismo, havendo para todas elas contra-indicações e reações adversas, sendo o medicamento utilizado na forma correta ou de forma negligente, o que é outro fator agravante (SILVA et al., 2014). Através destas preocupações é de suma importância a atuação do profissional farmacêutico para promover o uso racional de medicamentos, minimizando a automedicação e garantindo o bem estar da população (JESUS et al. 2013).

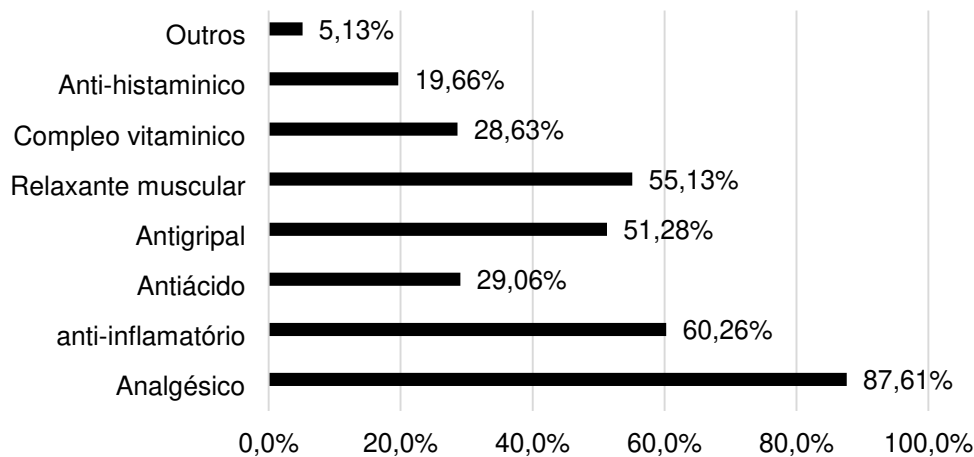
Quanto ao uso de contraceptivo (anticoncepcional), das 183 mulheres entrevistadas 107 (58,47%) utilizam este medicamento, sendo que destas 23 (21,50%) fazem o uso sem prescrições

médicas. Em trabalho realizado por Galato et al. (2012) das 161 mulheres que participaram do estudo, (23,6%) afirmaram utilizar o contraceptivo sem a prescrição de um profissional médico, desta forma este resultado encontrado é similar ao encontrado nesta pesquisa corroborando com este trabalho.

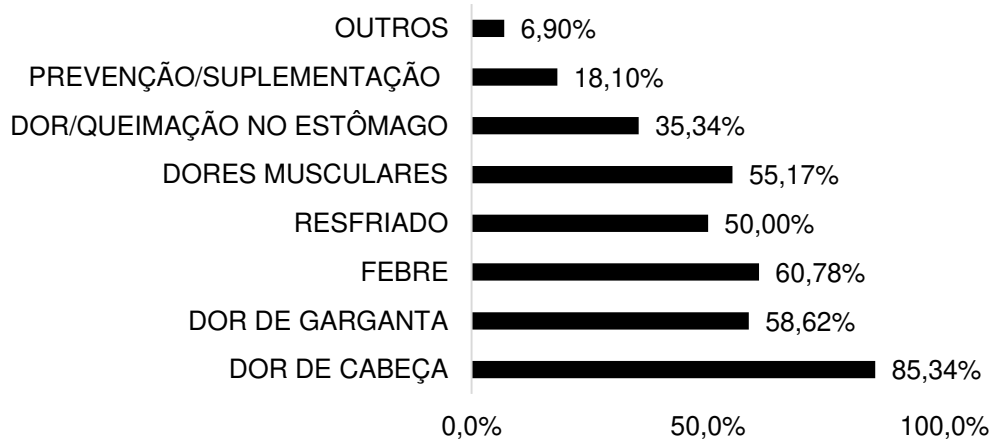
Dentre os sintomas e/ou sinais clínicos citados pelos estudantes como sendo aqueles que levaram à prática da automedicação, destacam-se principalmente: Dor de Cabeça 198 (85,34%), Febre 141 (60,78%) e Dor de Garganta 136 (58,62%) conforme (Figura 03). Estes resultados assemelham-se aos obtidos em pesquisa realizada por Alves e Malafaia no ano de (2014), onde Dor de

cabeça (75,90%), Dor de garganta (40,50%) e Febre (35,00%) também foram os sintomas e/ou sinais clínicos mais citados.

Damasceno et al. em (2007) também encontrou como principais motivos: dor de cabeça, com 141 (35,6 %); dores de modo geral, com 53 (13,4 %); febre, com 49 (12,4%); e dor de garganta, com 23 (5,8%), enquanto Arrais et al. (1997) encontrou uma porcentagem bem menor para a causa dor de cabeça (12%). Diante desses resultados cabe ao farmacêutico orientar e educar o consumidor para que ele reconheça que os produtos de venda livre podem ter efeitos adversos similares àqueles vendidos somente sob prescrição (MENEZES et al. 2004).



**Figura 02.** Relação das classes de medicamentos utilizadas pelos entrevistados.



**Figura 03.** Causas que levam os entrevistados à utilização de medicamentos por automedicação.

No presente estudo, observa-se conforme (tabela 05), que grande parte dos estudantes 172 (70,50%) recebeu influencia para se automedica, sendo que a maior influencia veio dos Familiares, vizinhos e amigos 122 (70,93%). Resultados similares foram encontrados por Galato et al. no ano

de 2012, porém a influencia pelo Farmacêutico ou funcionário da farmácia ficou em primeiro lugar 175 (49,20%), seguido de familiares, vizinhos e amigos 174 (48,90%). No trabalho realizado por Canindé et al. (2012) obtiveram um resultado de influencia através dos familiares e amigos de apenas

(20,00%), sendo um resultado bem menor do que o encontrado na presente pesquisa.

Do total de entrevistados 155 (63,52%) receberam orientação no momento da compra do medicamento, nas quais 110 (70,96%) destas orientações recebidas foram de um profissional farmacêutico, e o tipos de orientações mais recebidas foram: Posologia (Dose e Horário); Como administrar; Efeitos adversos; Indicação terapêutica e Interação com alimento conforme (Tabela 05).

**Tabela 05.** Resultados demonstrados quanto à influência e orientação recebidas por acadêmicos entrevistados para prática da automedicação.

<b>Variáveis</b>	<b>n (%)</b>
<i>Influenciado para a automedicação</i>	
Sim	172 (70)
Não	72 (29)
<i>Quem Influenciou</i>	
Funcionário da farmácia	65 (37)
Familiares, vizinhos e amigos	122 (70)
Conhecimento próprio	75 (43)
Prescrições antigas	30 (17)
Propagandas/Internet	12 (7)
<i>Orientação no ato da compra</i>	
Sim	155 (63)
Não	89 (36)
<i>Quem Orientou</i>	
Farmacêutico	110 (71)
Atendente de Balcão	89 (36)
<i>Tipo de orientação recebida</i>	
Posologia	129 (83)
Como administrar	72 (46)
Indicação terapêutica	24 (15)
Efeitos Adversos	25 (16)
Interação com alimento	16 (10)

Sabendo da importância de uma dispensação segura e Pensando em intervir na automedicação, que é um grave problema de saúde pública, e atendendo a uma recomendação da OMS, o Ministério da Saúde criou o Comitê Nacional para a Promoção do Uso Racional de Medicamentos por meio da Portaria GM nº1.956/06. Esta portaria estimula o desenvolvimento de ações estratégicas para ampliar o acesso da população à assistência farmacêutica e para melhorar a qualidade e a segurança na utilização dos medicamentos.

O profissional farmacêutico faz as prescrições de medicamentos de venda livre, denominados "Over-The-Counter" (OTC) e também

assume a importante missão de promover a automedicação responsável, ou seja, a automedicação sob indicação farmacêutica, promovendo assim o uso racional do medicamento, atendendo a Política Nacional de Medicamentos, que propõe o uso racional de medicamentos (SILVA et al. 2014).

Os farmacêuticos estão evoluindo da condição de pessoas que dispensam e avaliam prescrições para provedores de cuidados farmacêuticos. A Associação Farmacêutica Americana conceitua os cuidados farmacêuticos como uma prática farmacêutica centrada no paciente e orientada por resultados. Os cuidados farmacêuticos são necessários para promover a saúde, prevenir doenças e garantir terapêutica farmacológica segura e efetiva (BARBOSA, 2011).

A profissão farmacêutica também tem passado por profundas transformações, a fim de atender às novas demandas sociais. Outrora o papel da farmácia e do próprio farmacêutico resumia-se em comprar, registrar, armazenar e fornecer medicamentos, ignorando-se a amplitude e o alcance da atenção farmacêutica. Atualmente, o desafio para o farmacêutico não se restringe apenas à sua presença física no estabelecimento, pois o paciente de hoje questiona sua medicação, os efeitos indesejáveis, desejam saber como deve tomar seu medicamento e informações essenciais sobre o medicamento, que está fazendo uso. É preciso entender que dispensar um medicamento, é muito mais que entregá-lo ao paciente. Significa disponibilizar um produto de qualidade, assegurando seu uso racional (BARBOSA et al. (2012).

### **Conclusões**

A prática da automedicação entre os estudantes de saúde da UFMT apresenta-se elevado, como também os resultados observados por outros estudos.

Todavia, por se tratar de futuros profissionais da área de saúde, esperava-se que o consumo de medicamentos sem prescrição, de um profissional habilitado, fosse menor. No entanto é justamente esse maior conhecimento adquirido durante a graduação que os predispõe a praticarem a automedicação.

Uma das maiores preocupações foi o elevado número de acadêmicos que julgam estar se automedicando por problema de saúde simples, utilizando principalmente analgésicos/antitérmicos e antiinflamatórios para aliviarem seus sintomas, porém, é necessário o reconhecimento de que os produtos de venda livre podem ter efeitos adversos similares àqueles vendidos somente sob prescrição, e conscientizar que a automedicação pode levar a sérias consequências como efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e mascaramento de doenças evolutivas, causas estas que podem ser prevenidas com o uso racional.

Diante disto, vale apenas salientar que os profissionais Farmacêuticos tem se destacado

praticando a atenção farmacêutica, sendo que (70.96%) dos entrevistados, relataram ter recebido orientações no momento da compra como: posologia, administração, indicação terapêutica, efeitos adversos e até interação com alimentos. Isso vem demonstrando que o atual Farmacêutico tem se preocupado não apenas com medicamentos, mas, com a saúde do paciente, a utilização racional deste medicamento, evitando desta forma problemas relacionados a utilização destes.

Acredita-se na importância deste trabalho para conscientização da comunidade acadêmica quanto entendimento dos riscos na prática da automedicação. Seria importante repetir esta pesquisa em anos posteriores com os mesmo cursos e até mesmo em cursos de áreas não relacionadas a saúde humana, desta forma analisando se a prática da automedicação seria elevada somente nos cursos da área da saúde humana.

## Referências

- ALBUQUERQUE, L.M.A.; FRANCO, R.C.C.; SILVA, L.L.C.; DANTAS, A.F.F.B.; ALENCAR, J.L.; SÁ, M.F.C.P. Avaliando a Automedicação em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB). M&P, v. 1 - janeiro/abril, 2015.
- ALVES, A.T.; MALAFAIA, G., Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde Health Sciences. v. 39, n. 3, p. 153-159, 2014.
- AQUINO, S. D.; BARROS, C.A.J.; SILVA, P.D.M. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde, *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n.5, p. 2533-2538, 2010.
- AQUINO, S.D., Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13(Sup), p. 733-736, 2008.
- ARRAIS, P.S.D.; COELHO, H.L.L.; BATISTA, M.C.D.S.; CARVALHO, M.L.; RIGHI, R.E.; ARNAU, J.M. Perfil da automedicação no Brasil, *Revista de Saúde Pública*, v. 31, n. 1, p. 71-77, 1997.
- ARRUDA, E.L.; ARRUDA, R.L.; SOUZA, L.T.; MARIANO, W.S., AUTOMEDICAÇÃO. Verificação em estudantes universitários da Universidade Federal do Tocantins - UFT Araguaína. *Ensaios e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde*, v. 15, n. 6, p. 21-30, 2011.
- ARANTES, G. P. Atenção Farmacêutica: uma nova visão na assistência farmacêutica, Rio de Janeiro, 2008.
- Automedicação, *Rev. Ass. Med. Brasil*, v. 47 n. 4, p. 269-295, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v47n4/7366.pdf>. Acesso em: 27 de Janeiro de 2016.
- BARBOSA, F.C.A.A.; ROCHA, M.F.A.; CUNHA, V.F.; Estudo para implantação da atenção farmacêutica a saúde de pacientes usuários de psicotrópicos. *Infarma*. v.24, n.1, p. 3, 2012.
- BARBOSA, F.C.A.A.; ROCHA, M.F.A.; CUNHA, V.F.; Estudo para implantação de atenção farmacêutica à saúde de pacientes usuários de psicotrópicos em uma unidade ambulatorial de saúde, em Natal (RN). *Infarma*, v. 23, n. 7/8, 2011.
- Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução de Diretoria Colegiada(RDC) no 44, de 17 de agosto de 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução n. 466, de 12 de Dezembro de 2012. Incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Conselho Nacional de Saúde. Brasília, DF, 12 de Dezembro de 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 15 de março de 2015.
- Portaria nº 1.956/06, Assistência Farmacêutica no Sus. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/colecao\\_gestores\\_livro7.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/colecao_gestores_livro7.pdf). Acesso em 05 Março de 2016.
- CANINDÉ, A.; ARAUJO, A.P.; MARTINS, C.K.; PIEDADE, F.; SILVA, L.; COUTINHO, R.; MUNIZ, T.; ARAUJO, V. Avaliação Da Automedicação Na Cidade De Conceição Do Coité-BA. 2012.
- CASCAES, E.A.; FALCHETTI, M.L.; GALATO, D., Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, v. 37, n. 1, p. 63-69, 2008.
- DAMASCENO, D.D.; TERRA, S.F.; ZANETTI, H.H.V.; D'ANDRÉA, E.D.; SILVA, H.R.L.; LEITE, J.A. Automedicação Entre Graduandos De Enfermagem, Farmácia E Odontologia Da Universidade Federal De Alfenas, *REME – Rev. Min. Enf.*; v.11, n.1, p. 48-52, 2007.
- DHAMER, T.; DAL-MOLIN, A.P.; HELFER, A.P.; CARNEIRO, M.; POSSUELO, L.G.; KAUFFMANN, C.; VALIM, A.R.M. A automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde em uma universidade privada do estado do Rio Grande do Sul. *Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção*, v. 2, n. 4, p. 138-140, 2012.



- FREITAS, K.; ZANCANARO, V. Prevalência de automedicação na população do município de Fraiburgo – SC. Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde, v.1, n.1, p. 38-58, 2012.
- GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, n.12, p. 3323-3330, 2012.
- JESUS, A.P.G.A.S.; YOSHIDA, N.C.P.; FREITAS, J.G.A., Prevalência da automedicação entre acadêmicos de Farmácia, Medicina, Enfermagem e Odontologia. Estudos, Goiânia, v. 40, n. 2, p. 151-164, abr./jun. 2013.
- LESSA, M. A.; BOCHNER, R. Análise das internações hospitalares de crianças menores de um ano relacionadas a intoxicações e efeitos adversos de medicamentos no Brasil. Revista Brasileira Epidemiologia, v. 11, n. 4, p. 660-674, 2008.
- LOURENÇO, E. A. Erro médico, falha médica e iatrogenia. Revista Perspectivas Médicas, v. 9, p. 16-21, jan/dez 1998.
- LOYOLA FILHO, A. J.; UCHOA, E; GUERRA, H.L; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M.F. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. Revista de Saúde Pública, v. 36, n.1, p. 55-62, 2002.
- LUZ, F.A.C; SILVA, G.M.; BORGES, H.D.S.; SANTOS, J.F.; MOURA, L.D.; CÂNDIDO, T.O.; LOBATO, J. Perfil Comparativo da Automedicação entre estudantes da Universidade Federal de Uberlândia. 2014.
- MENEZES, E.A.; OLIVEIRA, M.S.; CUNHA, F.A.; PINHEIRO, F.G.; BEZERRA, B.P. Automedicação com antimicrobianos para o tratamento de infecções urinária em estabelecimento farmacêutico de fortaleza (CE), Infarma, v.16, n. 11-12, 2004.
- MILIÁN, A.J.G.; MARTÍNEZ, I.D. Promoción racional de medicamentos, Una necesidad de estos tempos. Revista Cubana Farmacoepidemiologia, v. 37, n. 1, p. 34-7, 2003.
- MISICI, R. Doenças iatrogênicas e suas repercussões Médico-sociais, RECCS, v. 33, julho, 1988.
- MONTEIRO, P.P.; FERRAZ, A.; FEITOSA, A.; RIBEIRO, I.; MARIA, K.; CANDIDO, M.; CLAUDIA ; ROSIMEIRE ; SEVERINO ; WALDER, Farmácia e Auto-Medicação. 2002.
- ORTEGA, F.; BARROS, D.; CALIMAN, L.; ITABORAHY, C.; JUNQUEIRA, L. FERREIRA. C.P. A Ritalina no Brasil: produções, discursos e práticas. Interface - Comunicação, Saúde e Educação, v.14, n.34, p.499-510, jul./set. 2010.
- PARDO, I.M.C.G.; JAZOLA, D.R.; CARIOCA, A.L.; NASCIMENTO, S.R.D.; SANTUCCI, V.C.R., Automedicação: prática frequente na adolescência? estudo em uma amostra de estudantes do ensino médio de Sorocaba. Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 15, n. 2, p. 11 - 15, 2013.
- PINHEIRO, N.F.S.; ROCHA, A.P.; GAMA, E.P.; LIMA, R.S.; RODRIGUES, A.C.R., Percepção ambiental: uma análise sobre a política dos 3R's em um colégio estadual na cidade de Palmas – TO. 2011.
- RAMOS, A.M.L.; Atenção Farmacêutica em distúrbios menores, 2ª edição. São Paulo, SP, Livraria e editora Medfarma, 2008.
- RIBEIRO, I.M; OLIVEIRA, A.; SILVA, H.; MENDES, M.; ALMEIDA, M.; SILVA, T. Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança. Revista Portuguesa De Saúde Pública, V. 28, n.1 — Janeiro/Junho, 2010.
- RIBEIRO, V.V.; SOUZA, A.C.; SARMENTO, S.D.; MATOS, J.J.; ROCHA, A.S. Uma abordagem sobre a Automedicação e consumo de Psicotrópicos em Campina Grande-PB. Infarma, v.15, n.11-12, (Nov/Dez 2003 - Jan/2004).
- ROSA, G. Vestibulandos usam doping intelectual para superar rotina de estudos. Disponível em: <http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2013/12/vestibulandos-usam-doping-intelectual-para-superar-rotina-de-estudos-4354717.html>. 2013. Acesso em: 01 de Dezembro de 2015.
- ROSSE, W.J.D.; MOURO, V.G.S.; FRANCO, A.J.; CARVALHO, C.A., Perfil da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia da Univiçosa, Viçosa/MG. Revista Brasileira de Farmácia, v. 92, n. 3, p. 186-190, 2011.
- SANTOS, S.J. Medicamentos e Orientações, 2008. Disponível em: <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=77&titulo=ARTIGO%3A+Medicamentos+e+orienta%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 28 de Dezembro de 2015.
- SECOLI, S.R., Polifarmácia: interações e reações adversas no uso de medicamentos por idosos. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 63, n. 1, p. 136-140, jan-fev-2010.
- SILVA, D.B.; MENDES, D.R.G. Perfil da Automedicação em Santa Maria-DF. 2014.
- SILVA, K.V. Diferença entre pesquisa qualitativa e quantitativa. PIBIC/ JR/ FUNDECT/ CNPq do ano 2010 em Mato Grosso do Sul. 2011.
- SILVA, L.S.F.; COSTA, A.M.D.D.; TERRA, F.S.; ZANETTI, H.H.V.; COSTA, R.D.; COSTA,

M.D. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do Estado de Minas Gerais. *Odontol. Clín.-Cient.*, Recife, v. 10, n. 1, p. 57 - 63, jan./mar., 2011.

SOUSA, O.W.H.; SILVA, L.J.; NETO, S.M. A importância do profissional farmacêutico no

combate à automedicação no Brasil. *Revista eletrônica de farmácia*, v.1, p. 67-72, 2008.

VILARINO, F.J.; SOARES, C.I.; SILVEIRA, M.C.; RODEL, P.P.A.; BORTOLI, R.; LEMOS, R.R. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil, *Revista de Saúde Pública*, v. 32, n. 1, p. 43-49, 1998.